

Orloff ao contrário

RICARDO A. SETTI

Especulação não é uma saída para a crise, nem sequer uma rima — mas as duas andam tanto mais juntas quanto mais grave é a segunda. Os níveis assustadores que a inflação atinge, a despeito da feia recessão em que o País está mergulhado, excitam expectativas e fazem cegas na imaginação, quando não descambam para a mentiralhada pura e simples. Plano Collor 2, Plano K... O presidente Fernando Collor já descartou tudo, rangendo dentes. Nem por isso diminui, em muitos setores, a impressão de que alguma coisa vai acontecer. E, na roleta das hipóteses, aposta-se fortemente no quadradinho de um Plano Cavallo — o programa de estabilização concebido pelo ministro da Economia da Argentina, Domingo Cavallo — adaptado para o Brasil.



Será? É verdade que o cansado lombo dos brasileiros já está suficientemente endurecido por força das lambadas de tantas surpresas perpetradas pelo poder — contra o seu bolso, contra a sua fé, contra a sua paciência. Desse modo, manda a prudência que ninguém ponha a mão no fogo diante das juras oficiais de que nada de dramático vai ter lugar. Ainda assim, não se justifica a insistência com que se acena para a possibilidade de vivermos um “efeito Orloff” ao contrário — de sermos, amanhã, não uma Argentina de ressaca, mas uma Argentina controlando a inflação e retomando o crescimento econômico. E tudo isso por conta de um plano que, entre outras disposições, prevê uma margem fixa de flutuação e a livre conversibilidade da moeda nacional em relação ao dólar.

Do ponto de vista meramente econômico, as possibilidades de ser aprovado de imediato no País um Plano Cavallo são mais ou menos as mesmas que, num ringue de boxe, teria nosso bravo Adilson Maguila Rodrigues de nocautear Iron Mike Tyson. Para começo de conversa, seria preciso haver, no Brasil, disponibilidade de moeda forte equivalente ao meio circulante — nossas reservas precisariam bater nos US\$ 15 ou US\$ 16 bilhões, quando mal chegam a um quarto disso.

Seria também necessário que o governo tivesse a coragem que mostrou o presidente argentino Carlos Menem ao eliminar drasticamente os controles existentes na economia — controles de preços, de salários, de câmbio e de taxa de juros —, quando aqui, ao

contrário, apesar dos esforços que sem dúvida o presidente Fernando Collor tem feito, continuamos achando que o Estado pode gerir e regular tudo, inclusive o movimento da Terra em torno do Sol.

Em terceiro lugar, precisaríamos estar diante, não do monstruoso déficit fiscal que nos assombra (e cujo exato tamanho só o Altíssimo conhece), mas de algo como o que se esboça na Argentina para 1992 — US\$ 1,2 bilhão de sobra de caixa do Tesouro e mais US\$ 3 bilhões provenientes do programa de privatização de estatais. (Até a YPF, a Petrobrás argentina, está entrando na dança.) Enquanto no Brasil o funcionalismo público, o custeio da máquina do Estado e a dívida pública devoram tudo o que se arrecada, e cai a arredação em termos reais, a Argentina fez a sua subir, só este ano, de 17% para 21% do Produto Interno Bruto.

Mas o que ocorreu na Argentina não foi um milagre (longe disso), muito menos um mero passe de mágica urdido em gelados laboratórios de tecnocratas. O trabalhoso, complexo e arriscado processo argentino de sair do buraco tem pressupostos *políticos* que nem de longe se vislumbram no horizonte do cerrado de Brasília.

Há um presidente que dispõe de um sólido apoio no Congresso, antes de mais nada. Trata-se também de um líder político que foi ousado o suficiente para contrariar a índole demagógica e atrasada de seu partido peronista, populista e cafajeste por natureza, e forçá-lo a encarar as tarefas da modernização. Que, além do mais, mostrou habilidade bastante para fazer alianças duradouras, à esquerda e à direita, inclusive com inimigos históricos e feroces, de modo a aplinar o terreno de seu governo, munindo-se ainda de uma paciência de Jó — depois de breve lua-de-mel com a popularidade, seus índices de aceitação despencaram enquanto a economia não começou a entrar nos eixos, sem que o presidente, mesmo acossado por escândalos pessoais, perdesse o sangue-frio e o senso de direção; os primeiros acertos fizeram sua popularidade novamente disparar.

E há, finalmente, algo na Argentina que ainda é uma miragem no Brasil: um mínimo de consenso em torno do que precisa ser feito. Aqui, ainda estamos na fase de achar que forças imperialistas ameaçadoras conspiram contra a Pátria porque o governo quer vender uma simples siderúrgica. Como diria Fernando Pedreira: haja estômago.

□ Ricardo A. Setti é editor-chefe do Estado